

PAÍS DESENVOLVIDO, TRAJETÓRIA NEM TANTO: SÍRIOS E LIBANESES NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS - UM ENFOQUE COMPARATIVO

TRUZZI, OSWALDO M. S.

97ST1213

1. Introdução Das últimas duas décadas do século passado aos anos vinte, um número crescente de sírios, em sua maioria cristãos provenientes do Monte Líbano(1), chegaram ao Brasil e aos Estados Unidos, incentivados sobretudo por pressões demográficas e econômicas em sua terra de origem(2), bem como por relatos de imigrantes bem sucedidos que a ela retornavam.(3) Tanto na América do Norte quanto na do Sul, as afinidades culturais, a identidade e o ajustamento deste imigrante às sociedades receptoras estiveram sempre muito influenciados por sua origem, traduzida em religião, local de nascimento, ocupação e laços familiares. Uma vez que a maior parte dos imigrantes veio com o propósito de permanecer temporariamente, acumular algum capital e retornar, muitos deles iniciaram suas atividades econômicas na nova terra como mascates.(4) De fato, a mascateação, usualmente apoiada por redes familiares e de conterrâneos, foi vista como uma atividade que dependia quase que inteiramente de um esforço individual, e capaz de propiciar um rápido retorno econômico. Entretanto, apesar de suas origens e características comuns na nova terra, as experiências posteriores vividas por sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos foram bastante diferentes. No Brasil, ao menos para aqueles que chegaram mais cedo, a mascateação rapidamente evoluiu para o comércio varejista, depois para o atacado e para a indústria. Os sírios e libaneses neste país rapidamente lograram desenvolver uma cadeia de negócios integrados, alimentada por vínculos étnicos e capaz de acolher imigrantes recém-chegados. Concentrando suas atividades nos ramos de armarinhos, de vestuário e têxtil, conseguiram criar um nicho econômico especializado na economia paulista,(5) capaz de alavancar a mobilidade sócio-econômica da etnia. Como consequência, a partir dos anos trinta, uma alta porcentagem de descendentes de sírios e libaneses entrou no mercado das profissões liberais, tornando-se médicos, advogados e engenheiros. Mais tarde, isto representaria uma via importante de acesso à política. Também nos Estados Unidos, a mascateação frequentemente deu origem ao comércio varejista. No nordeste americano, sírios e libaneses prosperaram na indústria de vestuário, muitas vezes em conexão com os comerciantes fornecedores de mercadorias a mascates. Na região de Detroit, eles se especializaram no comércio de hortifrutigranjeiros, em quitandas. Entretanto, e em contraste com o Brasil, nunca chegaram a controlar nenhum setor econômico em particular, provavelmente porque não eram tão numerosos quanto no Brasil e também porque as duas sociedades receptoras em muito diferiam entre si.

O objetivo deste artigo é explicar estas diferenças através do exame de um conjunto de fatores responsáveis pela conformação de trajetórias distintas dos sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos. Tais fatores incluem a seletividade de destinos entre grupos sociais distintos na terra de origem, o tamanho dos contingentes, suas inserções econômicas, as dificuldades enfrentadas nos novos países relativas a preconceitos culturais e xenofobia, e as diferentes características sócio-econômicas das sociedades receptoras. A título de conclusão, são elencados os fatores principais responsáveis por tais diferenças, enfatizando-se que enfoques comparativos podem se constituir em instrumentos de análise privilegiados para a análise da história da imigração.

2. Inserções semelhantes, resultados diferentes

Existe considerável evidência que o imigrante sírio chegado aos Estados Unidos não diferia em suas características daquele chegado ao Brasil, de forma que a seletividade de destinos, isto é, diferentes grupos (seja de um ponto de vista econômico, social ou religioso) rumando a países diferentes, pode ser descartada como variável explicativa.(6) Além disso, a Síria constituía uma região de proporções relativamente modestas, de forma que os incentivos para a emigração atingiram a população como um todo de forma relativamente homogênea.

Knowlton mencionou, sem muita convicção, que os primeiros sírios e libaneses que emigraram para o Brasil talvez o tenham feito porque não conseguiram desembarcar nos Estados Unidos, seja por problemas legais ou de saúde. Embarcados de volta ao país de origem, muitos preferiram no meio do caminho ficar em países da América do Sul, sobretudo no Brasil e na Argentina.(7) É também provável que muitos emigrantes, receosos de não poderem preencher as condições mais rigorosas de entrada nos Estados Unidos, tivessem optado para outros países como o Brasil, onde praticamente inexistiam barreiras. A vontade de emigrar, de fazer a América, onde quer que esta fosse, precedia a determinação por um destino específico. Na Síria, relatórios de missões presbiterianas notaram que ao longo da última década do século passado, a febre imigratória

chegou a tornar-se uma mania... Um analfabeto vai para a América e no curso de seis meses manda um cheque de \$300 ou \$400 dólares, mais do que o salário de um professor ou de um pastor em mais de dois anos... Quase tudo é usado para pagar velhas dívidas, hipotecas e para levar outros imigrantes além-mar. Dos relatos dos imigrantes só se ouvem louvores irrestritos à América.(8)

Existem fortes indícios de que a América significava não somente os Estados Unidos. Outro relatório menciona que

"há homens, meninos, mulheres e crianças de Zahle em todas as grandes cidades do Novo Mundo, na Austrália, e nas ilhas de todos os mares. A crônica de suas experiências formará um estranho capítulo na história da Síria moderna. Atravessaram os Estados Unidos de norte a sul, viajaram por terra do Rio de Janeiro a Montreal e Quebec (sic), transpuseram o Pacífico de ilha em ilha em pequenos barcos, e não poucos circunavegaram o mundo e voltaram para casa via Jerusalém."(9)

Uma imagem tosca e idealizada da América simplificava sua geografia, encurtando distâncias Mikhail Naimy relembra-se:

"quase todos perguntavam a meu pai sobre notícias de algum parente na América. Uma mãe indagava a respeito de seu filho no Equador, uma esposa sobre seu marido na Argentina, um irmão sobre seu irmão nas Filipinas - inconscientes da distância entre estes lugares e a Califórnia, onde meu pai havia estado. Com exceção de poucos, toda essa boa gente não fazia nenhuma distinção entre uma parte das Américas e outra - tudo era apenas uma "Merica". Alguns poucos referiam-se à Nova York, significando os Estados Unidos como um todo e ao Brasil, designando toda a América do Sul. Daí inferiam que alguém em Nova York deveria ter conhecimento de todos os seus conterrâneos nos Estados Unidos, e alguém no Brasil deveria ter contato com todos aqueles rumados para a América do Sul e para a América Central."(10)

Além disso, a ignorância geográfica acoplada com as circunstâncias sob as quais a emigração ocorria, fazia com que, para os pioneiros, a questão da seletividade dos destinos permanecesse pouco relevante. Khalaf observou que

muitos emigrantes que partiram de Beirute muitas vezes não estavam certos sobre onde estavam indo, ou onde desembarcariam em definitivo. O fato de se dirigirem à América com as oportunidades que ela oferecia era tudo que os movia.(11)

Por outro lado, também as circunstâncias em que a emigração ocorreu tenderam a fazer com que no início, a questão do destino não se apresentasse de modo muito relevante para o emigrante. A imigração não era subsidiada, aqueles que haviam tomado a decisão de emigrar, o faziam por conta própria, em geral às escondidas das autoridades turcas. Ficavam assim muito sujeitos a ação de intermediários que exerciam o tráfico de embarques clandestinos. Duoun afirmou que "não era raro embarcarem alguns em navios que demandavam portos diferentes do combinado."(12) A emigração era ainda realizada por etapas: estas poderiam incluir o Egito, a Itália ou a França. Os imigrantes chegados a Alexandria, Gênova ou Marselha aguardavam então, às vezes por semanas, os navios que os levariam à América. Aí, nos portos de embarque, ficavam sujeitos a toda sorte de embustes. Eram explorados pelos donos das pensões onde dormiam e se alimentavam e pelos comerciantes de roupas que os convenciam de que não poderiam ir para a América portando trajes orientais(13). Em seu diário de viagem, Ghanem não deixou de notar em Alexandria "a rapacidade dos vendedores. Infeliz do estrangeiro que se deixa pegar. Agrupados em grande número sobre o caes, esperam, com impaciência a vítima."(14) Suleiman enfatiza o mesmo ponto:

deve-se enfatizar que para a maior parte dos imigrantes a viagem aos Estados Unidos foi uma experiência difícil, quando não traumática. A maioria era analfabeta e só se expressava em árabe, tinha pouco ou nenhum

dinheiro, caía em mãos de charlatães e ladrões, frequentemente contrerrâneos - especialmente nos portos franceses onde normalmente embarcavam rumo à travessia do Atlântico.(15) Por sobre estes, atuavam ainda os agentes das companhias de navegação que tentavam convencê-los de que este ou aquele destino seria mais adequado que outro. Knowlton apurou que "um emigrante destinado aos Estados Unidos poderia, em Alexandria, Nápoles ou Marselha, ser persuadido a embarcar para o Brasil ou a Argentina", seja por agentes das companhias de navegação, seja por imigrantes que estavam retornando.(16)

É claro que quando o efeito corrente se estabeleceu, a questão do destino, de se encontrar ou não parentes ou contrerrâneos já estabelecidos no Novo Mundo, passou a assumir uma enorme importância. Entretanto, durante as fases iniciais da imigração, fazer a América para os pioneiros podia significar tanto os Estados Unidos quanto o Brasil, premidos por circunstâncias adversas que lhes reduziam a opção ou embaralhavam a convicção sobre um determinado destino.

Basicamente por causa disso, não é possível se estabelecer nenhuma distinção entre grupos específicos que se dirigiram preferencialmente a um país ou a outro. De fato, também neste país cerca de 90% da imigração síria e libanesa entre 1890 e 1930 foi constituída de cristãos(17), em sua maioria habitantes de pequenas aldeias(18), que procuraram a América convencidos de que uma imigração temporária(19), que durasse apenas alguns anos, lhes facilitaria posteriormente a vida na terra natal.

Pelos mesmos motivos que no Brasil, o padrão inicial de ocupação da colônia foi a mascateação(20) e o destino preferencialmente urbano: ao final dos anos 20, quase 90% deles habitavam cidades com mais de 25 mil habitantes, metade no extremo norte-oriental do país, entre os estados de Maine e Pennsylvania(21). Tannous observou que "praticamente todos os homens e mulheres do grupo pioneiro (aqueles que vieram entre 1890 e 1914) começaram como mascates.(22) E de fato, premidos pela necessidade de sobrevivência em um país onde tinham que aprender uma nova língua, é fácil concordar com Naff que a mascateação constituiu "o fator mais fundamental na assimilação dos sírios na América.(23)

Do ponto de vista cultural, as semelhanças permanecem. O sírio nasce para a sua religião tal como um americano nasce para a sua pátria, escreveu Hitti em 1924.(24) Além da religião, aldeia de origem e família também forjaram a base da identidade entre sírios e libaneses nos Estados Unidos. Como no Brasil, via de regra um destes três elementos estiveram na origem de conflitos mais ou menos constantes no interior da colônia, alimentando um facciosismo já por nós conhecido. Kayal por exemplo observou que "a coletividade síria-americana já nasceu dividida"(25), Naff referiu-se a ela como "fragmentada"(26) e Miller não deixou de notar que o fator religioso foi um elemento ao mesmo tempo de união (entre correligionários) e de divisão (entre fiéis de diferentes grupos)(27). No Brasil, Jorge Yázigi, um octogenário dono por mais de sessenta anos de uma importante livraria árabe de São Paulo, lamenta o sectarismo muito intenso que vigiu na colônia, diagnosticando um excessivo fanatismo, uma palavra por muitos considerada emblemática para o grupo. Um velho ditado árabe resume tal espírito: eu contra meus irmãos; eu e meus irmãos contra meus primos; eu, meus irmãos e meus primos contra o mundo.(28)

Também muitos que haviam imigrado solteiros voltaram após alguns anos à terra de origem para se casar(29); ao passo que a segunda geração já se casou nos Estados Unidos, embora preferencialmente no interior da colônia(30). Em São Paulo, e provavelmente no restante do Brasil, o mesmo padrão é observável. Hajjar observou que até a década de trinta era usual enviar jovens solteiros para se casarem na terra natal(31), enquanto Safady observou que os pais não só não admitiam a miscigenação, mas entendiam que seus filhos não poderiam achar melhor par senão entre os seus, pois acreditavam que, desta forma, as famílias se entenderiam melhor e viveriam em harmonia.(32) No Anuário Demográfico de 1927 por exemplo, sírios e libaneses apresentavam a segunda maior taxa de endogamia: 50,5%, apenas batidos pelos japoneses com 63,3%.(33)

Se em geral as mulheres dominaram o cotidiano familiar, a autoridade patriarcal predominava em assuntos decisivos para a família. Não obstante, - e aí temos uma diferença em relação tanto ao caso brasileiro como também em relação à conduta anterior na terra de origem - foi significativo o número de mulheres que mascatearam nos Estados Unidos. Naff a elas atribuiu a inclusão de muitos itens de consumo doméstico como roupas de cama e de mesa, roupas íntimas, etc. que ampliaram a oferta de artigos disponíveis para a venda entre mascates(34). No Brasil, provavelmente uma cultura mais patriarcal e menos pragmática que a

americana em termos de se ganhar a vida contribuiu para que as mulheres persistissem na esfera do lar ou do trabalho anexo à casa.

Assim como no Brasil, a mascateação era encarada como uma atividade temporária, como um emprego não permanente.(35) O caminho natural foi depois de alguns anos a abertura de uma loja no ramo de tecidos e armarinhos. À medida que o negócio se tornava maior, parentes e conterrâneos alimentavam o fluxo, fixando, como no Brasil, um padrão conhecido como "chain immigration". Em 1907, uma pesquisa realizada pelo Departamento de imigração americano indicou que dos 9188 imigrantes sírios admitidos no país, cerca de 94% (8725) declararam ter vindo para se juntar a parentes ou amigos(36).

De um ponto de vista social, permanecem também importantes similitudes entre os dois grupos no Brasil e nos Estados Unidos. Nos anos vinte, quando os imigrantes foram se convencendo de que a experiência migratória era definitiva e quando ambas as comunidades tornaram-se melhor estabelecidas, o número de clubes e sociedades fundadas pelas colônias cresceu tanto num país como em outro. Em ambos, líderes comunitários emergiram e receberam o reconhecimento de suas comunidades ao fundar e financiar sociedades de auxílio mútuo. Sendo as identidades de sírios e libaneses definidas sobre bases religiosas ou regionais, estas serviram normalmente de critério para a criação de tais instituições.

A fundação de clubes e sociedades também representava uma tentativa de socializar a primeira geração nascida na América num ambiente valorizador da cultura e dos costumes da terra de origem, propiciando ocasiões para encontros, comemorações e casamentos(37). No entanto, em geral tendo por base a cidade de origem, a maior parte deles tomou caráter sectário e exclusivista, fadados a uma duração efêmera. Além disso, sentindo-se americanos na plena acepção do termo, fortemente atraídos pelo novo, compartilhando cada vez mais a identidade e os valores da nova sociedade - para eles, da nova pátria - os jovens, sobretudo nas grandes cidades, sentiam-se pouco motivados em valorizar experiências vividas anteriormente por seus pais. Ao contrário, muitos deles tendiam a uma avaliação envergonhada de pais semi-analfabetos que tiveram de dar duro para conseguir coisas mínimas no novo país. Aparentemente de forma mais aguda do que no Brasil, os conflitos inter-geracionais se pronunciaram com maior vigor neste país do que no Brasil, provavelmente porque a atração pelo novo exerceu uma influência mais poderosa no primeiro, e também porque no Brasil alguns estratos da colônia foram muito bem sucedidos, incentivando os jovens a cultivar uma sociabilidade no interior da colônia.

Ao lado da profusão de clubes e sociedades, uma vigorosa imprensa étnica também emergiu em ambos os países. Beverly Mehdi anotou um total de 102 periódicos árabes nos estados Unidos entre 1898 e 1929.(38) No Brasil, Zeghidour listou quase 400 entre 1890 e 1940,(39) enquanto Tarrazi catalogou 95 jornais e revistas lançadas no Brasil antes de 1933.(40) Embora numerosas, a maioria delas pouco durou em ambos os países. Nos anos 90, a colônia síria de Nova York era a mais numerosa e importante do país. Estabelecida nas imediações da Washington Street num local conhecido como "Little Syria", ela abrigava entre seus elementos mais prósperos alguns atacadistas. Outros, em outras cidades, procuraram recriar o modelo novaiorquino. Naff descreve assim a formação de redes e sub-redes de fornecedores de mercadorias, ressaltando a importante função destes na distribuição e fixação de mascates em outras regiões do território americano(41). De certa forma, fornecedores e mascates, veteranos e novatos, foram assim estabelecendo o padrão interno de estratificação da colônia até aproximadamente o início da Primeira Guerra Mundial.

A partir dos anos vinte, relata-nos Naff,

"a mascateação entrou em um prolongado declínio. Mais mulheres imigraram, aspirações de longo prazo substituíram metas temporárias e a maleta do mascate itinerante, símbolo de seus laços com a terra natal, cedeu lugar à loja de varejo, o símbolo da confiança na nova terra.(42)

Além disso, e mais rapidamente que no Brasil, os padrões de um mercado consumidor de massa já se encontravam razoavelmente bem implantados nos Estados Unidos à esta época. Não apenas a implantação pelo correio americano de um sistema de remessas postais minou a base da mascateação, como também um número crescente de donas de casa passaram a acreditar que ofertas melhores estavam disponíveis nas novas redes de lojas de departamentos, cada vez mais presentes nas cidades(43).

No começo dos anos 20, já era perceptível que muitos sírios e libaneses haviam deixado o ramo de tecidos e armarinhos, seja como mascates, seja como lojistas. Alguns passaram a comercializar tapetes, mas a maior parte reorientou suas atividades para o ramo de mercearias e quitandas, uma tendência que com o tempo se tornaria cada vez mais nítida. Para tornarem-se proprietários destes pequenos negócios, muitas vezes o caminho trilhado incluiu algumas variantes.

Em Detroit por exemplo, por volta de 1915, uma população crescente de sírios vindos de outras regiões trabalhava na Ford, atraída pelo salário de cinco dólares diários. Entretanto, apenas uma fração deles (em geral muçulmanos) permaneceu como operários: "pais e filhos economizavam seus salários até que pudessem abrir uma loja da família.(44) " Assim como na mascateação, investia-se durante um período delimitado, ao final do qual o sonho do negócio familiar pudesse se realizar. Na Detroit de 1926, apurou Naff em uma de suas entrevistas, "havia uma pequena mercearia pertencente a sírios em praticamente toda esquina."(45) Hooglund encontrou o mesmo padrão em Waterville, o mais importante centro industrial têxtil do estado de Maine, onde a perspectiva de empregos nas fábricas de algodão e de lã atraiu muitos imigrantes. Lá, pelo menos 80% dos homens adultos tornaram-se operários de fábricas ou confecções(46).

No Brasil, ao invés de procurar emprego como operários no próspero parque industrial paulista, os sírios e libaneses preferiram estabelecer seu próprio nicho, tomando proveito do mercado urbano em crescimento. Neste aspecto, suas trajetórias estiveram mais próximas das de seus conterrâneos instalados em El Paso, no Texas, onde o abastecimento das necessidades de uma população em crescimento, em especial da comunidade mexicana tanto de El Paso quanto de Ciudad Juarez, oferecia alternativas de negócios... Para muitos, a grande oportunidade de sucesso veio com a mascateação e com o estabelecimento de quitandas, armazéns e outros negócios similares.(47)

Conklin e Faires perceberam um padrão similar em Birmingham, Alabama, onde a comunidade libanesa também se estabeleceu como um grupo com características de classe média empresarial. Segundo tais autores, na hierarquia ocupacional étnica de Birmingham, os libaneses estabeleceram seu próprio nicho. A mascateação, o negócio adotado pelos libaneses em Birmingham, expressava as inclinações culturais do grupo, ao mesmo tempo em que se encaixava na gama de empregos oferecida pela hierarquia de ocupações na cidade. Tal como italianos, judeus e gregos, os libaneses comerciavam com brancos e negros; diferentemente de outros imigrantes comerciantes, os libaneses percorriam o interior de todo o Alabama.(48) O imigrante libanês, tanto homem como mulher, carregava um estoque de mercadorias de uso pessoal cujo acesso era difícil a famílias das fazendas. Em suas costas, carregavam itens tais como tecidos, panelas, pentes e artesanatos (especialmente toalhas finas feitas pelas mulheres). Algumas famílias libanesas começaram a mascatear, traçando suas próprias rotas. Nos anos vinte, a maior parte delas havia abandonado a mascateação e estabelecido suas próprias lojas. O comércio com fazendeiros em muitos casos havia rendido produtos alimentícios, trocados por suas mercadorias; em consequência, alguns tornaram-se merceeiros e atacadistas de alimentos. Outros libaneses abriram lojas de tecidos e armarinhos. O sucesso da colônia em galgar a hierarquia ocupacional foi impressionante.(49)

Tal qual no Brasil, este padrão portanto de se procurar ganhar a vida através de pequenos negócios familiares, vendendo diretamente ao público, seja em lojas de tecidos e armarinhos ou em mercearias e quitandas, em geral prevaleceu. Quase sempre utilizando extensivamente a mão de obra disponível na família em longas jornadas de trabalho, fixando moradia ao lado de lojas, provendo serviços de entrega e crédito bastante flexíveis, aos poucos mas seguramente a colônia síria e libanesa foi transitando para as camadas inferiores da classe média nos Estados Unidos.

Mas apesar de tais similaridades entre os dois grupos de imigrantes, no Brasil a mascateação e as lojas de tecidos e armarinhos tiveram um futuro mais promissor, pelo menos para aqueles que chegaram mais cedo. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, sírios e libaneses já dominavam o comércio de tecidos em São Paulo, concentrando suas lojas em torno da rua 25 de março. A especialização da colônia neste tipo de comércio é claramente evidenciada pelos livros de lançamento de impostos de casas comerciais, que em 1907 apontaram que das 315 firmas sírias ou libanesas em São Paulo, cerca de 70% (219) eram lojas de tecidos a varejo ou lojas de tecidos e armarinhos.(50) Mesmo antes dos anos 20, muitas delas já haviam se convertido em firmas industriais e começavam a deslocar as firmas portuguesas que até então dominavam tanto o atacado quanto o varejo deste setor. O recenseamento de 1920 confirma os ramos preferenciais ocupados pela etnia:

dos 91 estabelecimentos industriais sírios e libaneses anotados, 65 operavam no setor de confecções e 12 no setor de têxteis. Aqueles que à esta época deram este passo provavelmente não se arrependeram. Os anos vinte se revelariam exuberantes a ponto de Stein, o brasileiro autor do trabalho de referência sobre a evolução da indústria têxtil no Brasil, batizar o período de 1921 a 1927 de "os anos dourados" dos têxteis nacionais.(51) A crise geral no final dos anos vinte fez com que muitos tivessem de recomeçar do zero. Entretanto, ainda que fortunas tenham sido dilapidadas do dia para a noite, a posição econômica relativa da colônia manteve-se. É oportuno observar por exemplo que já em 1934, dentre os grupos étnicos mais importantes em São Paulo, os sírios e libaneses serão aqueles cujas firmas apresentarão em média o maior porte, conforme ilustra o Quadro I.

Quadro I - Tamanho médio das empresas do parque industrial paulista segundo a nacionalidade dos proprietários (1934)

nacional. do empresário	número de empresas	capital médio investido por empresa	número médio de operários por empresa	força motriz média por empresa(cv)	valor médio da produção por empresa
canadense*	4	133028	2058	730	25363
inglesa*	27	2522	69	145	1142
americana*	18	1034	38	86	1230
brasileira	4837	413	31	39	350
sírio-libanesa	225	223	26	26	434
portuguesa	460	83	11	12	134
austríaca	44	75	13	13	108
francesa	13	72	17	13	200
italiana	2181	58	9	8	99
alemã	122	52	12	8	134
espanhola	275	37	7	4	86
japonesa	62	23	7	3	47
outras	307	187	19	12	244
total	8575	340	24	27	274

(o tamanho médio das empresas canadenses, inglesas e americanas são elevados devido ao fato delas operarem basicamente nos setores de fornecimento de energia, ferrovia e telefonia, muitas vezes em regime de monopólio)

(valores em contos de réis)

(fonte: Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1934; p.28)

Na verdade, ao longo dos anos trinta e quarenta os sírios e libaneses consolidaram e ampliaram seus negócios, monopolizando praticamente o comércio varejista de tecidos e a pequena indústria de transformação ligada a este setor, ocupando a posição mais importante no comércio atacadista e investindo ao longo da década de quarenta metade do capital aplicado em toda a indústria têxtil em São Paulo.(52) Consequentemente, transitando da mascateação e do varejo para o comércio por atacado e para a indústria, as firmas pertencentes a sírios e libaneses galgaram posições cada vez mais proeminentes neste setor da economia paulista.(53)

Apesar das trajetórias em geral bem sucedidas dos sírios e libaneses enquanto grupo, é claro que nem todos que vieram ao Brasil foram bem sucedidos e tornaram-se ricos. A ascensão econômica foi mais fácil para

aqueles que vieram primeiro, trabalharam duro, foram parcimoniosos e capazes de identificar e preencher um nicho na economia paulista em crescimento. À medida que o tempo passou, a diferenciação econômica inevitavelmente forjou uma complexa hierarquia de status e poder na colônia, não apenas como resultado de filiações religiosas, regionais ou políticas diversas trazidas da terra natal, mas também em decorrência das diferenças entre as posições econômicas das famílias na nova sociedade. Os imigrantes aqui chegados mais tarde (ao final dos anos 20), tiveram que se estabelecer em regiões mais distantes do centro de São Paulo, ou em outras cidades ou estados ao longo de todo o Brasil. Ironicamente, este processo reforçou as posições econômicas dos pioneiros bem sucedidos, já que estes vendiam aos conterrâneos recém-chegados as mercadorias de que necessitavam, tanto como atacadistas quanto como industriais, consolidando assim suas posições.

O processo de mobilidade persistiu para a segunda geração. Numa pesquisa levada a cabo entre alunos formados pelas três faculdades (de medicina, de direito e de engenharia) de maior prestígio em São Paulo, os sírios e libaneses foram classificados proporcionalmente como o segundo grupo étnico numericamente mais significativo, entre 1930 e 1950.(54) Tais inserções em profissões liberais de prestígio facilitaram sua penetração na arena política nacional. De modo geral, desde a redemocratização nacional ocorrida em 1945, descendentes de sírios e libaneses tem sido proporcionalmente sobre-representados, aparentemente tanto em nível local quanto em assembleias estaduais e federais.(55)

Nos Estados Unidos, sírios e libaneses não chegaram a conquistar nenhuma posição de liderança em nenhum setor econômico, apesar do sucesso de muitas famílias na industrialização de artigos têxteis e de vestuário na área metropolitana de Nova York. Isto não significa que os sírios e libaneses não foram bem sucedidos em muitos outros setores econômicos. Ao contrário, eles se destacaram muito como médios empresários e como resultado alguns também se meteram em atividades políticas. Tal qual ocorreu no Brasil, a colônia nunca votou em bloco em seus conterrâneos; eles entraram na política não como americanos de origem árabe, mas como americanos assimilados.

Tendo estabelecido as principais semelhanças e diferenças entre as comunidades sírio-libanesas no Brasil e nos Estados Unidos, podemos agora nos remeter a questões mais específicas, começando por investigar se afinal estas duas comunidades eram comparáveis em tamanho.

3. Tamanhos relativos diferenciados

Independentemente do país receptor, os dados relativos à imigração de sírios e libaneses são em geral imprecisos. Mesmo assim, comparações são sempre interessantes ao oferecerem uma noção relativa do volume de imigrantes chegados a cada país. Estados Unidos, Brasil e Argentina, nesta ordem, foram os países que receberam os contingentes mais expressivos de imigrantes sírios e libaneses ao longo das quatro décadas compreendidas entre 1890 e 1930, grosso modo a época de ouro da imigração de sírios e libaneses anterior à Segunda Guerra Mundial(56). Ressalte-se ainda que em termos absolutos, estes três países receberam volumes relativamente próximos, não muito discrepantes em suas cifras, indicando que boa parte da imigração que se destinou às Américas foi distribuída entre tais países.

No Brasil, as entradas anteriores a 1895 permaneceram baixas e inconstantes, enquanto nos Estados Unidos as cifras anteriores a 1899 são bastante indefinidas.(57) Entre o final dos anos 90 e 1914, cerca de 86 mil chegaram a este país, e quase 60 mil ao Brasil, constituindo este o período mais volumoso. Após uma brusca diminuição do fluxo durante a Guerra, o movimento imigratório foi retomado: entre 1920 e a adoção da legislação restricionista em 1924 mais de 12 mil entraram nos Estados Unidos, enquanto no Brasil entre 1920 e a crise econômica de 1930 mais de 42 mil entraram. Na vizinha Argentina, até 1914 cerca de 64369 sírios e libaneses adentraram o país(58), enquanto que no Canadá, as cifras colocam-se em níveis bem inferiores.(59)

Entretanto, para compreendermos a inserção de sírios e libaneses nos Estados Unidos, Brasil e Argentina, muito mais importante para nossos propósitos é avaliarmos o que tais números significaram relativamente no

cômputo geral de todos os fluxos imigratórios dirigidos a cada um destes países. Assim é que, por exemplo, embora os Estados Unidos tenham recebido em termos absolutos o maior número de imigrantes desta etnia,(60) este contingente é muito pouco significativo comparado ao volume total de imigrantes entrados no país. De fato, Hitti já na década de vinte observava com certa humildade que os sírios e libaneses ocupavam o vigésimo-quinto lugar entre as 39 nacionalidades até 1910 reconhecidas pelo Bureau of Immigration(61). Naff, referindo-se à imigração anterior à Segunda Guerra Mundial, afirma que os sírios representaram um dos grupos étnicos menores e menos estudados nos Estados Unidos.(62) Mesmo se tomarmos por base o período compreendido entre 1899 e 1924, diga-se de passagem o período mais significativo da imigração de sírios e libaneses, o movimento imigratório líquido da etnia totalizou 77330 pessoas (0.67%) frente aos quase doze milhões estimados para todas as origens.(63)

Já no Brasil e na Argentina, uma situação completamente distinta se apresenta. Muito embora sírios e libaneses não tenham integrado o primeiro time de etnias mais volumosas, as cifras relacionadas ao movimento imigratório da etnia estão longe de se diluírem frente ao volume e diversidade de outros grupos étnicos, como nos Estados Unidos. No Brasil, enquanto italianos, portugueses e espanhóis dominaram o movimento imigratório entre 1884 e 1943, os "turco-árabes"(64) encontram-se em sétimo lugar entre as etnias. Especificamente em São Paulo entre 1908 e 1941, apenas as três etnias majoritárias acima mencionadas e mais japoneses e alemães precederam os sírios e libaneses em termos de volume.

Analisemos o caso argentino. Sabemos que aí italianos e espanhóis somaram aproximadamente dois terços do total de imigrantes(65). Em seu livro publicado em 1910, Alsina, ao deter-se sobre a imigração no ano de 1909, não deixou de observar que "tem aumentado a entrada de russos (provavelmente judeus) e sírios, que chegam a ocupar o terceiro e quarto lugares, precedendo a franceses, austríacos, alemães, ingleses, portugueses e outras nacionalidades européias que foram sempre o principal núcleo contribuinte da população argentina"(66). Notou ainda o autor que em relação ao total da população estrangeira no país em 1909, os sírios constituíam o quinto contingente, atrás apenas de italianos, espanhóis, franceses e russos.

Tais dados são importantes porque revelam um elemento de distinção essencial para nossos fins comparativos. Enquanto nos Estados Unidos os sírios e libaneses constituíram um grupo numericamente pouco significativo em face de outros contingentes de imigrantes, no Brasil e na Argentina o grupo não "sumiu", não se diluiu no interior do impressionante mosaico de etnias de outras origens que se dirigiram aos Estados Unidos. Ao contrário, conforme notaremos mais adiante, nestes dois países o grupo até tendeu a aparecer mais do que deveria (proporcionalmente ao seu volume), precisamente em função do pioneirismo associado tanto à orientação urbana quanto à dedicação a atividades comerciais.

4. Final do século: turbulências étnicas na sociedade americana

Não foi apenas a diferença em termos de expressão numérica do contingente a causa de diferentes resultados para os sírios e libaneses nos dois países. As atitudes e o clima social prevalecente nas duas sociedades também tiveram a sua influência.

Na questão das relações étnicas e raciais e de seus efeitos sobre a estratificação nos dois países, encontraremos tanto semelhanças quanto diferenças. À primeira vista, as duas sociedades apresentam fortes indícios comuns de desenvolvimento étnico:

ambas foram originalmente colonizadas por europeus que suplantaram as populações indígenas; ambas importaram um número grande de africanos, sustentáculo do sistema escravocrata vigente até fins do século XIX; e ambas foram colonizadas por imigrantes originários de uma variedade de regiões da Europa.(67) Tais características deram lugar a uma hierarquia de posicionamentos étnicos bastante similar. A população branca tende a deter a quase totalidade do poder, prestígio e privilégios de cada sociedade. Entretanto, os dois sistemas de estratificação étnica contrastam fortemente entre si em pelo menos dois aspectos importantes.

A classificação racial no Brasil é muito imprecisa, em parte devido à correlação positiva entre raça e classe; o dinheiro embranquece é uma expressão popular usada em várias regiões do país. A outra razão se vincula ao bem difundido continuum de colorações raciais, em contraste com a rígida dicotomia branco e negro nos Estados Unidos. A existência da categoria intermediária do mulato explica a aparente menor hostilidade entre brancos e negros, dando conta de muitas diferenças no tom das relações étnicas nas duas sociedades. Ideologias raciais propondo noções de raça superior ou inferior são mais difíceis de serem sustentadas onde uma maior variedade de graus de miscigenação ocorre.

Não devemos concluir que a cor não desempenha um papel fundamental na determinação das oportunidades individuais no Brasil - os de pele mais escura sendo sistematicamente relegados a posições inferiores da hierarquia econômica e social. Entretanto, a discriminação racial e étnica evoluiu e adotou um estilo menos explícito, menos socialmente aceitável, menos institucionalizado e muito menos virulento, capaz de inclusive forjar um mito nacional através do qual se nega com todas as letras o preconceito racial. Tal situação não deixa de acarretar efeitos contraditórios. Como Marger enfatiza:

a combinação de uma ideologia efetivamente anti-racista, de formas mais suaves de preconceitos, a relação complexa entre raça e classe, junto com um sistema de classificação multi-racial, serviram talvez para tornar mais problemática e difícil as melhorias de longo prazo nas condições de vida e no status da população negra no Brasil do que nos Estados Unidos.(68)

Entretanto, é fora de dúvida que todos os aspectos mencionados por este autor também servem para diluir e abrandar a discriminação racial no Brasil. Tais circunstâncias favoreceram a aceitação de todos os grupos que vieram ao Brasil, incluindo aí os sírios e libaneses. De forma geral, problemas de assimilação parecem ter tomado uma forma menos aguda no Brasil do que em outras sociedades multi-étnicas, embora problemas tenham ocasionalmente ocorrido. Tanto em relação ao mercado de trabalho quanto ao status social, tais grupos adentraram na sociedade brasileira em um patamar mais elevado em relação a ex-escravos ou a trabalhadores nativos.

É claro que os sírios e libaneses logo aprenderam a se distanciar de tudo que culturalmente ou socialmente pudesse associá-los a não brancos. Isto significou manter distâncias não apenas de negros, mas também de muçulmanos e de todos os estereótipos a estes vulgarmente atribuídos, tais como fanatismo, poligamia, costumes exóticos, etc. Conscientemente, trataram de reforçar suas imagens e de se apresentar como ocidentais, cristãos, trabalhadores e pioneiros que disseminaram o progresso ao longo de todo o território nacional.

No Brasil, é verdade que sírios e libaneses tiveram uma apreciação social que reverteu em uma imagem bastante precisa do grupo perante a sociedade, bem como um designativo associado a esta imagem: turcos.(69) Por causa da mesma língua nativa, da dedicação ao comércio popular, do padrão endógeno de casamentos, da vida social voltada para dentro da colônia, e mesmo graças à típica cozinha árabe, era mais natural ao restante da sociedade ignorar as diferenças entre sírios e libaneses e simplesmente fundi-los nesta categoria maior. Em algumas ocasiões, o turco foi empregado com uma conotação pejorativa, tanto associando-se ao termo a capacidade de fazer qualquer negócio, extraindo vantagens(70) como também porque os turcos não trabalhavam nas plantações de café.(71)

Entretanto, se o preconceito contra sírios e libaneses no Brasil se manifestou através de uma série de estereótipos mais ou menos intensos de acordo com o período, dificilmente ele apresentou uma consistência capaz de interpor barreiras à mobilidade econômica. A acumulação primeira de capital ocorreu de modo autônomo, independente de outras classes sociais e quase que exclusivamente dependente do próprio esforço do imigrante. Assim, a mascateação oferecia uma enorme vantagem comparada a outros tipos de ocupações nas quais o trabalhador está mais diretamente sujeito ao patronato, seja rural ou industrial. À medida em que o Brasil se tornava cada vez mais urbanizado, o comércio também crescia, o que abria espaço para a vinda de novos conterrâneos ou familiares. Assim, as oportunidades de ascensão econômica permaneceram relativamente abertas para muitos, embora ao preço de muito trabalho e pouco usufruto.

Nos Estados Unidos, um outro padrão se estabeleceu. Ao fim do século XIX, a noção liberal(72) até então prevalecente de que a sociedade americana operava segundo um melting pot - capaz de assimilar recém-chegados independentemente de suas origens num tipo de homem afinado com os ideais americanos -

começava a dar sinais de esgotamento. O fato é que já ao final da década de oitenta um número crescente de vozes influentes começou a suspeitar da eficácia do cadinho americano.

Contribuiu para tal a percepção de que um volume muito grande de imigrantes estava entrando no país, com grande rapidez. Além disso, estes pareciam bastante diferentes do tipo médio nacional e por isso mesmo, mais difíceis de serem assimilados. Se até então a esmagadora maioria dos imigrantes chegados aos Estados Unidos originava-se de regiões do Norte e Oeste da Europa, a partir dos anos noventa, os "novos imigrantes", um termo que logo adquiriu conotações discriminatórias, passaram a constituir maioria.

"Muitos nacionais os viam como portadores de hábitos peculiares forjados em culturas estranhas. Muitos começaram a acreditar que eslavos, judeus, húngaros, sicilianos e outros incluídos no grupo eram intrinsecamente inferiores e racialmente inassimiláveis."(73) Mais ainda, além de pouco familiares em sua linguagem e cultura, a associação das novas levas de imigrantes provenientes do Sul e Leste da Europa com greves, desordens sociais e outros problemas tipicamente urbanos tais como uma criminalidade crescente e a formação de cortiços aguçava o sentimento nativista americano.

Esta reorientação no modo da sociedade americana encarar a imigração, vigente sobretudo a partir do final do século XIX, apanhou em cheio o grosso da imigração de origem síria e libanesa aos Estados Unidos. Do ponto de vista ideológico, tal mudança teve que forjar novos modos articuladores da relação entre etnicidade e identidade americana, substitutivos da antiga noção de *melting pot*. Do ponto de vista político, tal reorientação se traduziu em sucessivas medidas de caráter regulatório no que se refere à imigração, depois coroadas pelas leis restricionistas dos anos vinte.

Tendo presente tais determinações, tanto no campo das medidas de governo concernentes à política imigratória, quanto no terreno propriamente ideológico,(74) podemos concordar com Higham que a partir de 1890, a sociedade americana como um todo pela primeira vez tomou consciência do problema da assimilação através de "uma grande crise nas relações étnicas"(75). Se no período anterior um regime de "segmentação" étnica pôde se sustentar em função sobretudo do localismo das comunidades(76) e do domínio ideológico da noção que haveria lugar para todos, de que a América, no brado otimista de Crevecoeur, "oferecia a oportunidade de um novo início para a humanidade" - tais condições passaram a não mais prevalecer a partir de 1890. Uma maior interdependência entre as diferentes regiões territoriais, o próprio processo de industrialização e de integração de mercados, a imposição de um número crescente de controles burocráticos governamentais e a urgência de definições sobre questões relacionadas à educação, cidadania, caráter nacional e religião, acabaram minando a paz aparente, a indiferença, a compartimentalização e, por que não, a hipocrisia presentes no momento anterior. Ficou assim comprometida, no dizer de Higham, "a combinação bastante peculiar à cultura americana da época entre um localismo ciumento e a crença abstrata em valores universais"(77), ocasionando ao final a rejeição do compromisso vitoriano vigente no campo étnico ao longo de todo o século XIX.

Conforme já acompanhamos, tal crise nas relações étnicas desabrochou na sociedade americana a partir dos anos noventa e amadureceu ao longo das duas primeiras décadas do século para vingar seus frutos nas medidas restricionistas dos anos vinte. A partir daí, uma nova pax estabeleceu-se, agora sob novas bases, mais excludentes; uma pax que, convém observar, não pôde ser plenamente posta à prova, já que a crise econômica dos anos trinta logo revelou-se mais eficaz do que qualquer medida restricionista.

É difícil avaliar com precisão a que ponto tal conjuntura desfavoreceu especificamente um determinado grupo étnico. Afinal de contas, trata-se de um movimento mais amplo, de uma reorientação de percepções, atitudes e medidas que não visará um grupo em particular, mas toda uma leva de grupos cujo traço comum será o momento histórico da imigração e a origem geográfica distinta dos contingentes anteriores. Naff relata-nos que nos Estados Unidos,

"quando a imigração atingiu seu pico entre 1905 e 1914, os sírios integravam tais contingentes, numerosos, com cifras quase dobrando a cada ano e com a pele morena, os olhos negros, bigodes fartos e roupas surradas denunciando sua origem não nórdica. Eles se encaixavam bem na imagem estereotipada segundo a qual teorias biológicas pseudocientíficas da época os classificavam como inferiores - tipos que diluiriam a pureza racial e enfraqueceriam a fibra moral da nação."(78)

Mesmo assim, julga este autor, sírios e libaneses não foram mais atingidos que outros grupos em maior evidência como chineses, judeus e italianos.

Resta pouca dúvida no entanto que sírios e libaneses tiveram de enfrentar uma conjuntura ideologicamente adversa. É provável ainda que, se o grupo foi menos atingido que outros, isso deveu-se mais ao fato de não aparecer muito na sociedade americana. Analise-se por exemplo a avaliação que Edward A. Ross, um Ph.D professor de sociologia, fez a respeito do grupo. Em seu livro "The Old World in the New (the significance of past and present immigration to the American people)", publicado em 1914, Ross, um influente propagador do nativismo anglo-saxão, gasta algumas poucas linhas apreciando positivamente algumas virtudes encontradas nos "levantinos": "pouco dados ao álcool e à violência, dão pouco trabalho à polícia; são econômicos e solidários entre si; suas mulheres são contidas e virtuosas; São em geral inteligentes, respeitam e apreciam oportunidades educacionais para seus filhos". Entretanto, isto parece constituir quase que um preâmbulo formal para o que vem depois.

"Por outro lado, eles tendem a se aglomerar, seus padrões de limpeza são baixos e são grandemente afligidos pelo tracoma, uma doença nos olhos que os exclui. Neles, a estreita gama de interesses realça negativamente a avidez pelo lucro, especialmente o lucro sem suor. Suas atitudes em relação às mulheres evidencia uma grande diferença entre os sexos no tocante à alfabetização e no compromisso de meninas jovens casarem-se com homens maduros muitas vezes delas próprias desconhecidos. Esse povo ama o comércio, particularmente a barganha individual, o que alguns chamam amigavelmente de "duelo de sagacidades", mas que na verdade nada mais é que o golpe de vivaldinos sobre desavisados. Nesta época em que nosso comércio varejista felizmente adotou o sistema de preço único, estes mascates espertalhões do Levante reavivam o odioso comércio de regateios com seus engodos e velhacarias.

"Que a tais imigrantes falta coragem moral e física, seus próprios amigos concordam. Eles não resolvem suas querelas face a face, mas vingam-se deslealmente pelas costas quando uma oportunidade segura aparece. O sentimento de que a verdade é um luxo pouco conveniente ao cotidiano lhes dá no comércio grande vantagem sobre a retidão anglo-saxã. Não é preciso mais que meio olho para se concluir que a "habilidade nos negócios" atribuída a tais comerciantes prósperos nada mais é que o exercício de artimanhas orientais sobre honestos. Tal qual os romanos os encontraram no extremo Mediterrâneo, assim também com eles hoje nos deparamos, bem aparentados, maleáveis, astutos, às vezes brilhantes; mas volúveis e desejosos em caráter.

"Quando dois povos divergem em seus padrões como óleo e água, eles não tem interesse em se associar. Naturalmente então, os imigrantes orientais tendem a amontoar-se em colônias nas quais podem viver a seu próprio modo, manter seu orgulho e privar-se das dificuldades do ajustamento aos ideais americanos. não apenas tais colônias colocam em cheque o processo de assimilação justamente entre os que mais dele necessitam, mas tornam-se focos congestionados de doenças e depravações, ao lado de ninhos de propagação de falsos ideais de liberdade social e política."(79)

É fácil reparar que o discurso alinha, ao lado de apreciações preconceituosas já por nós conhecidas, derivadas do exercício de atividades comerciais, um elemento a mais correlacionado à presumível superioridade racial dos anglo-saxões. No clima reinante ao longo das primeiras décadas do novo século, Ross esteve longe de se constituir em voz isolada. Casos em que se negava a cidadania a sírios eram freqüentes, sobretudo em estados do Sul e do Meio-Oeste americanos, muito embora a maior parte dos imigrantes acabassem conseguindo-a por meios ilícitos, utilizando favores de políticos locais desejosos de votos e com poder suficiente para torná-los cidadãos instantaneamente.

No início do século, políticos do Sul frequentemente lideraram a batalha contra a nova imigração. Em 1905, em um discurso na Assembléia, o Senador S. M. Simmons, do estado da Carolina do Norte, declarou que tais imigrantes não eram nada mais que a descendência de hordas asiáticas que, séculos atrás, espriaram-se pelas costas do Mediterrâneo... uma desova da praga fenícia.(80) O sentimento não ficava restrito aos políticos do Sul. Duas décadas depois, o senador David Reed, da Pensilvânia, se referia aos sírios como o lixo do Mediterrâneo, todo o estoque levantino que por lá vaga e que não conhece seus próprios ancestrais... o grupo de penitenciários deixado à sorte da imigração para a América.(81)

No estado de Maine, os que falavam árabe e suas crianças eram pejorativamente chamados de negros sírios.(82) Em Birmingham, de acordo com Conklin e Faires, a hostilidade, ao invés da hospitalidade, acolheu os novos imigrantes, incluindo os libaneses economicamente bem sucedidos, mas culturalmente marginalizados, considerados de cor num regime explicitamente separatista. Num clima dominado por questões de segregação racial, os libaneses, ao lado de outros povos provenientes do Mediterrâneo, foram algumas vezes excluídos de restaurantes só para brancos e de serviços públicos.(83) Hitti nos informa que durante a campanha de 1920, um panfleto circulava na cidade dizendo:

Para prefeito, vote em J. D. Goss, o candidato dos brancos. Desqualificou-se o negro, um cidadão americano, para votar na primária dos brancos. Gregos e sírios também deveriam ser desqualificados. Eu não quero o voto deles. Se não posso ser eleito com votos de brancos, não quero o cargo.(84)

Raouf Halaby nos informa que ainda nos anos vinte, o Syrian World, o primeiro jornal da colônia árabe publicado em inglês nos Estados Unidos, publicou um artigo escrito pelo Dr. Michael Shadid, um médico de Elk City, em Oklahoma, no qual este se queixava sobre a situação dos sírios num ambiente predominantemente valorizador do branco anglo-saxão. Vale a pena reproduzir suas palavras:

Os sírios estão relegados ao ostracismo não apenas pelos americanos nativos, mas por todos os povos pertencentes ao ramo nórdico da raça branca... De fato, pode-se dizer que entre os americanos nativos existe mais preconceito contra estrangeiros em geral e contra sírios em particular do que em qualquer outro país de todo o mundo... é algo que permeia a massa de americanos sem distinção de classe ou geração... Grande parte dos americanos pertencem à assim chamada classe média e esta classe é mais enfática nos preconceitos do que qualquer outra... Do outro lado da rua... moram dois médicos, dois colegas, ambos pertencentes a Ku Klux Klan. Eles me reconhecem profissionalmente, mas me marginalizam socialmente. Ao meu lado moram (um descendente de suecos, do outro lado um banqueiro, ambos membros da KKK)... Eu não me importaria se este ostracismo afetasse apenas a mim... mas eu não aceito ver meus filhos se sentirem discriminados por minha culpa, tendo eles nascido aqui. Eu definitivamente não aceito ver meus filhos sendo olhados com desprezo ou sendo considerados inferiores por crianças esnobes.(86)

O remédio prescrito pelo Dr. Shadid foi claro - os sírios deveriam retornar à sua terra natal - e sua conclusão radical provocou um vigoroso debate nas páginas do Syrian World.(85)

Cortes americanas frequentemente negaram a cidadania a sírios, particularmente nos estados do Sul e do Meio Oeste. Em janeiro de 1909, a comunidade síria novaiorquina, maior e mais organizada, resolveu contestar a negação de cidadania a um cristão proveniente do Líbano. A decisão do juiz baseara-se no fato de que o pleiteante, na qualidade de asiático súdito do Sultão Otomano, não era uma "pessoa branca". Ao final deste mesmo ano, sírios foram declarados pessoas brancas, mas casos de rejeição semelhantes não pararam de aparecer nos anos seguintes. Talvez o caso mais famoso tenha ocorrido na cidade de Charleston, na Carolina do Sul em 1914. O juiz da cidade, notando que a pele do pleiteante era mais escura do que a de uma pessoa branca comum de descendência européia, desqualificou o pedido. A comunidade síria da cidade fora humilhada, interpretando o significado da decisão do juiz em termos de que os sírios pertenciam à "raça amarela", inferiores portanto aos olhos da América.(87) Um ano depois, um recurso à Corte de Apelações reconsiderou a decisão, estabelecendo que os sírios pertenciam à raça caucasiana.(88) O caso manteve-se vivo na memória da colônia, retransmitido e popularizado para gerações seguintes em versões bizarras como a de que o pretendente à cidadania teria argumentado que "se os sírios fossem chineses, então Jesus, que nasceu na Síria, seria chinês."(89)

Interpretações enquadrando sírios como pertencentes à raça asiática talvez tenham constituído a expressão mais formal, mais oficial registrada pela colônia, do sentimento nativista americano. Mesmo assim, tais interpretações mais pairaram como uma ameaça, às vezes como um mal entendido provocado pela má vontade de um ou outro juiz. Seja como for, o importante é registrar a conjuntura desfavorável, o clima que acolheu a dúvida sobre uma questão tão básica como a da cidadania. No cotidiano das primeiras décadas do século, a maior carga que sírios e libaneses tiveram de enfrentar na sociedade americana foi sobretudo esse modo distinto de olhá-los como inferiores ao padrão norte-europeu protestante, em última análise uma reação de grupos há mais tempo estabelecidos nos Estados Unidos contra a ameaça de rompimento da unidade nacional ocasionada pela emergência da questão étnica.

5. Um percurso já trilhado

À parte as diferenças relacionadas ao arcabouço ideológico vigente no momento particular em que as sociedades americana e brasileira receberam a maior parte dos contingentes sírios e libaneses, o timing específico de entrada nos dois países acarretou ainda outra diferença, esta talvez ainda mais fundamental que a anterior. Refiro-me às consequências do ponto de vista da inserção num mix específico de etnias melhor ou pior posicionadas, tanto em áreas rurais quanto em áreas urbanas.

No Brasil, observemos desde logo, o grosso da imigração síria e libanesa chegada a partir da última década do século XIX não se encontrava muito atrasado em relação ao tempo de chegada das outras etnias. É bem verdade que a imigração italiana, a maior e a pioneira das que se destinaram a São Paulo, antecedeu alguns anos a dos sírios e libaneses. Mas a diferença não chega a ser significativa e torna-se francamente irrisória se atentarmos para outro aspecto fundamental: os sírios e libaneses constituíram o primeiro grupo volumoso de destinação especificamente urbana na sociedade paulista do final do século, enquanto outras etnias significativamente volumosas - italianos, portugueses e espanhóis - que possam tê-los antecedido, enviaram a maior parte de seus contingentes ao trabalho rural nas lavouras de café⁽⁹⁰⁾. Tal pioneirismo relacionado ao grupo se traduziu em uma série de trunfos favoráveis, com todas as consequências do ponto de vista da inserção econômica e social já analisadas anteriormente.

Nos Estados Unidos, já observamos, outro cenário se delineou. A imigração síria e libanesa que para lá se destinou, embora coincidente cronologicamente com a do Brasil, foi também acompanhada de outros grupos étnicos originários do Sul e Leste da Europa. Entretanto, no seu conjunto esta segunda leva de imigrantes possuía uma significativa defasagem em relação a outros grupos pioneiros, originários sobretudo do Norte e Oeste europeus. Inevitavelmente, esta defasagem teria que cobrar o seu preço do ponto de vista das possibilidades de inserção social do grupo, sobretudo se se tem em conta a sociedade receptora, uma nação essencialmente constituída por imigrantes, onde na maior parte das vezes o sucesso relativo de cada etnia mantém nítida correspondência com a anterioridade da chegada.

Será portanto o mix específico de etnias do país receptor um aspecto essencial do processo, determinante tanto das possibilidades iniciais de inserção dos sírios e libaneses na nova pátria, quanto de boa parte dos limites estruturalmente impostos do ponto de vista da mobilidade social e econômica futura. Para nossos propósitos comparativos, é necessário nos referirmos brevemente à inserção de outro grupo étnico na sociedade americana: o dos judeus alemães e do leste europeu.

Os judeus alemães chegaram aos Estados Unidos sobretudo a partir da década de 30 do século passado e dominaram a imigração de origem judaica até a grande leva de judeus provenientes da Europa do Leste nos anos 80. Os judeus alemães estabeleceram-se inicialmente como mascates, tirando proveito da contínua expansão territorial rumo ao Oeste, sobretudo em regiões ainda não servidas pelas estradas de ferro.⁽⁹¹⁾ Com o tempo, a mascateação propiciava-lhe a oportunidade para a acumulação de capital que por sua vez o levaria a estabelecer-se como varejista ou atacadista."⁽⁹²⁾ Schappes estimou que

"entre os 10669 mascates arrolados pelo Censo de 1850, muitos eram judeus e que dentre os 16594 mascates do Censo de 1860, mais da metade eram judeus. A maior parte destes mais cedo ou mais tarde tornaram-se donos de lojas, atacadistas e mesmo proprietários de redes de lojas de departamento. Assim se formou, sobretudo nas cidades do interior distantes da costa leste, o núcleo das camadas comerciais judias de classe média."⁽⁹³⁾

Para muitos judeus alemães, a mascateação e o pequeno comércio propiciaram a entrada em outros campos de atividade econômica mais promissores. Alguns firmaram-se como atacadistas, outros como proprietários de lucrativas lojas de departamento.⁽⁹⁴⁾

Também, "a mascateação e o varejo ainda deram como rebento outra especialidade econômica que desde o início foi identificada como dominada pelos judeus: a produção e a distribuição de roupas prontas."(95) A indústria tomara impulso em pleno século XIX com o aparecimento da máquina de costura em 1846(96) e um pouco mais tarde, um novo período de expansão do setor seria aberto com a demanda de uniformes para o Exército na Guerra Civil americana.(97) Em 1880, às vésperas portanto da grande imigração judia proveniente do Leste europeu, qualquer estatística referente ao comércio e indústria de vestuário mostra que os judeus já dominavam amplamente o setor.(98)

Nesta altura, a cerca de duas décadas do final do século, começa a se avolumar a maciça imigração de judeus provenientes da Europa Oriental: entre 1879 e 1924 cerca de 2 milhões entrariam em território americano, mais da metade entre 1904 e 1914(99). Em termos de padrão ocupacional, um número relevante entre eles também começou como mascates(100), mas não resta dúvida que a maior parte empregou-se como operário nas indústrias ligadas ao setor de vestuário.(101)

Entretanto, a condição de proletários inaugurada pela primeira vez entre judeus em território americano durou pouco. Ao cabo de uma geração, a maioria deles já havia conseguido se mover para ocupações de classe média ou superior, uma boa parte deles tendo aberto o seu próprio negócio neste mesmo ramo tão propício a subcontratações e subdivisões de empresas que se iniciam às custas do trabalho familiar.

Muitas oportunidades foram abertas no próprio setor, que experimentou um novo período de expansão ao final do século, com o Garment Center de Manhattan em Nova York tornando-se o principal centro produtor. Em 1880, quase a totalidade dos cerca de 1000 produtores de roupas mais importantes desta cidade eram judeus alemães: eles empregavam 64669 pessoas. Já na Nova York de 1913, a maior parte das 16552 fábricas estavam nas mãos de judeus russos que empregavam 312245 operários, três quartos dos quais também eram judeus russos(102).

Em função de seu volume, esta terceira leva de imigrantes proveniente do Leste Europeu marcou profundamente em vários sentidos a fisionomia dos judeus na América e, se o padrão de mobilidade por eles experimentado não foi tão glamoroso quanto o de alguns de seus correligionários alemães, por outro lado ele não foi menos espetacular. A primeira geração nascida na América entrou maciçamente em profissões de nível superior, marcando definitivamente um tema freqüente na sociologia americana: o da mobilidade sócio-econômica via investimento escolar dos judeus.(103)

6. Homologias estruturais

Estamos agora em posição de compreender com maior precisão as razões pelas quais o negócio da mascateação e as lojas de armarinhos nas mãos dos sírios e libaneses não evoluíram para uma indústria de vestuário e de tecidos dominada em boa parte pela etnia como no Brasil. Em primeiro lugar, ao final do século XIX, o processo de expansão da fronteira americana já havia praticamente se esgotado e o processo de integração territorial, levado adiante sobretudo através da ferrovia, encontrava-se já bastante adiantado. Por causa disso, a função de mascateação, embora atraente do ponto de vista dos mínimos recursos necessários para o recém-chegado, encontrava-se já numa fase de oportunidades declinantes nos Estados Unidos. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, os sírios e libaneses apanharam a economia americana numa fase mais madura.

Em segundo lugar, o desenvolvimento formidável da cidade de São Paulo na virada do século oferecia em diferentes níveis um conjunto de oportunidades excepcionais para recém-chegados que procurassem se inserir no meio urbano. À época, a sociedade paulista não contava com nenhum estrato significativo de classe média: ex-escravos e imigrantes rurais predominavam esmagadoramente. Por outro lado, a classe dominante de fazendeiros era por demais abonada, apegada às lides rurais e ocupada em fazer política para se meter em qualquer outra atividade comercial não relacionada ao café.

Ao contrário, os sírios e libaneses nos Estados Unidos depararam-se com uma população muito maior e mais variada vivendo em áreas urbanas. Uma vez que estes chegaram tardiamente em relação a outras etnias que também procuravam um meio de vida na nova terra, eles tiveram de enfrentar a concorrência de outros grupos já anteriormente estabelecidos, resultando um padrão de mobilidade para a colônia mais lento e mais difícil. "Nós aprendemos a mascatear nesse país com os judeus", alguns imigrantes pioneiros admitiram.(104) Se nem todos concordam com este ponto, é razoável se supor, ao menos, que, como havia muito mais judeus do que sírios no país e que aqueles começaram a mascatear antes, tornaram-se uma referência importante para os sírios.

Se a alternativa inicial de uma inserção via mascateação e pequenas lojas sempre constituiu uma opção viável - e de fato nela se engajou a maior parte do grupo - as posições mais maduras, mais sólidas do ponto de vista econômico, relacionadas ao atacado e sobretudo à indústria - estas já se encontravam ocupadas. Deste modo, os sírios e libaneses nos Estados Unidos viram-se diante de um caminho já trilhado, caminho este aberto e acessível em seus trechos iniciais e menos interessantes - a mascateação e o pequeno varejo - mas bloqueado à medida em que seu leito se tornava mais caudaloso, justamente a partir do grande comércio por atacado e do estabelecimento industrial.

Tais circunstâncias em boa parte dão conta das razões pelas quais não encontraremos nos Estados Unidos um setor industrial no qual os sírios e libaneses e seus descendentes tenham se concentrado e dominado. Diferentemente do Brasil, os melhores sucedidos dentro da etnia não conseguiram abrir espaço num setor original, não explorado da economia americana, de modo a carrear o fluxo contínuo de conterrâneos capazes de dar vigor e consistência ao domínio de um setor à medida em que estes avançassem nos degraus da mobilidade econômica. De certo modo, isto também explica por que, em determinada etapa de suas trajetórias, os sírios e libaneses de modo geral procuraram reorientar suas atividades para outros ramos comerciais, entre os quais o negócio de quitandas foi o mais notável.

Como vimos, por volta da virada do século, as grandes firmas atacadistas e os principais estabelecimentos industriais nos ramos têxtil e do vestuário, ramos estes que constituem a desembocadura clássica, natural para o varejo de armarinhos e roupas, já formavam um setor consolidado dentro da economia americana e plenamente dominado por judeus. Os judeus provenientes de países de língua alemã, que começaram a chegar aos Estados Unidos em maior número a partir do segundo quartil do século XIX, já haviam percorrido esta trajetória que se inicia com a mascateação de forma abrangente, espalhados por todo o território americano. Tendo chegado ao "lugar certo" na "época certa", trilharam com relativa rapidez o percurso mascates / varejistas / atacadistas / industriais, posicionando-se e ao mesmo tempo consolidando um setor que experimentaria sucessivas expansões.

Também a partir do final do século XIX, outras levadas de judeus, estas muito mais numerosas, começaram a chegar aos Estados Unidos provenientes do Leste europeu. Muitos deles começaram a vida como mascates, na mesma época em que os sírios e libaneses chegavam, mas a maior parte empregou-se como operários nas fábricas de propriedade dos judeus alemães, reforçando num primeiro momento a presença da etnia no setor. Entretanto, ao cabo de apenas uma geração, os judeus "russos", impulsionados por seu volume e aproveitando as facilidades inerentes ao setor para a criação de novas empresas(105), já dominavam posições importantes no ramo, consolidando definitivamente o domínio da etnia sobre o setor.

Por outro lado, não seria demais insistir no conjunto de semelhanças concernentes à inserção de sírios e libaneses no Brasil e de judeus nos Estados Unidos. Além dos dois grupos terem se estabelecido no meio urbano, ambos iniciaram suas trajetórias como mascates e, ao percorrerem extensamente largas porções do território, acabaram cumprindo importantes funções de integração, muitas vezes entre populações do meio rural, numa época em que a rede ferroviária ainda não havia se desenvolvido plenamente. São comuns as apreciações, como a do economista John Commons, de que "o judeu gosta de ser seu próprio chefe". Referindo-se aos judeus alemães, Cohen comentou que "pouco importava a insignificância do seu negócio, o mascate trabalhava para si próprio e este seu negócio privado o capacitava a engajar toda a família"(106), ao que ainda podemos acrescentar a circunstância de residir no mesmo local onde se trabalha, uma vez estabelecido o negócio. Também do ponto de vista das trajetórias de ascensão econômica trilhadas - mascates / varejistas / atacadistas / industriais - as semelhanças são salientes e coincidentes em termos dos setores econômicos (vestuário e indústria têxtil), talvez apenas com a ressalva de que algumas outras opções, como as

redes de lojas de departamentos e as atividades financeiras, foram paralelamente desenvolvidas pelos judeus nos Estados Unidos. Por fim, é necessário ainda lembrar os efeitos similares do ponto de vista da mobilidade econômica e social para a segunda geração de ambos os grupos, em particular no que diz respeito à maciça entrada no mercado de profissões liberais.

Assim sendo, a qualquer observador das trajetórias percorridas pelos dois grupos, a eloquência dos dados comparados fala por si mesma e autorizam, creio eu, uma derradeira inferência. Guardadas as devidas proporções e as inúmeras especificidades de cada caso, precavendo-se dos paralelismos sedutores e na maior parte das vezes inebriantes - numa palavra, apontando-se portanto todas as ressalvas pertinentes que sem nenhuma dúvida fazem do processo histórico uma interação única entre agentes e estruturas, irredutíveis os casos em sua singularidade - mesmo assim, é preciso se convir que os elementos à mão talvez componham uma destas ironias reservadas pela História. Em determinados momentos particulares (e diferentes) da história destes dois países, e do ponto de vista tão somente da inserção no interior da estrutura social, os sírios e libaneses e os judeus ocuparam posições estruturalmente homólogas no desenvolvimento do Brasil e dos Estados Unidos respectivamente.

7. Brasil e Estados Unidos: dois cenários extremos

A pergunta que inevitavelmente decorre de tal análise é: e os judeus no Brasil? Por que não exerceram o mesmo papel pioneiro que nos Estados Unidos? Em primeiro lugar em termos absolutos, já a partir da terceira década do século XIX, um movimento significativo de imigrantes já se dirigia aos Estados Unidos (e os judeus alemães constituíram parte deste fluxo), ao passo que em São Paulo(107), a experiência da imigração em massa tomou impulso sobretudo a partir da abolição - antes disso ela praticamente inexistiu.

Porém, mais relevante ainda é o fato de que até o final da Primeira Guerra Mundial, o Brasil não constituía um destino preferencial de imigração para a grande leva de judeus originários do Leste europeu. De fato, embora dados oficiais relativos à imigração judia ao Brasil tenham sido compilados somente a partir do Estado Novo, estatísticas razoavelmente confiáveis apuradas por organizações de auxílio mútuo da etnia nos informam que a população de origem judia no Brasil em 1920 contava apenas entre 6 e 8 mil almas, "uma indicação da impopularidade do país. (...) Poucos judeus (por volta de 1000) entraram no país entre 1890 e 1899, enquanto mais de 30000 o fizeram entre 1920 e 1929."(108)

Estamos portanto diante de um grupo que chegou ao Brasil com algum atraso. Em termos relativos, o grosso da imigração judaica chegou entre 1924 e 1936, na prática uma geração defasada em relação ao pico da imigração de origem síria e libanesa chegada ao Brasil. Por causa disso, Lesser apurou ainda que "na mesma época em que sírios e libaneses encontravam-se em posição de adquirir lojas e fábricas nos principais centros industriais do país, os judeus começavam a chegar em grande número. Os judeus portanto ocuparam os espaços econômicos abertos pelos mascates árabes de outrora. A imensa maioria de judeus chegados anteriormente a 1933 vieram da Polônia e já habitavam o meio urbano. Uma vez que pelo menos 35% do total proveniente do Leste europeu chegou "sem profissão", restavam-lhes poucas alternativas além de se tornarem mascates. Frequentemente eles compravam mercadorias de ex-mascates sírios e libaneses que haviam se tornado atacadistas. Tendo muitos já passado por alguma experiência no ramo de tecidos na terra natal, na maior parte das vezes como alfaiates, eles acabaram gravitando em torno do setor no Brasil, frequentemente comprando a crédito de sírios e libaneses."(109)

Por outro lado, é verdade que tal defasagem no caso brasileiro não impediu que poucos anos depois, os judeus comessem também a exercer um papel proeminente no comércio e na indústria, sobretudo nos ramos têxtil e de confecções. É provável que as oportunidades de uma inserção tardia exitosa tenham sido maiores no Brasil para os judeus do que nos Estados Unidos para sírios e libaneses porque aqui o estágio de maturação das relações capitalistas era menos desenvolvido e a matriz de empreendedores industriais, ainda em formação, mais permeável. Não se pode perder de vista a esse respeito que em plena década de quarenta o

processo de substituição de importações abrirá flagrantes oportunidades empresariais que recomporão o tecido industrial paulista.

Fica patente portanto que em nosso caso, as homologias flagrantes que tiveram sírios e libaneses no Brasil e judeus nos Estados Unidos em termos de início de inserção nos novos países - homologias em termos de terem se fixado no meio urbano, de optarem por atividades comerciais via de regra iniciadas com a mascateação, etc. - acabaram fazendo com que a variável anterioridade da chegada ao país receptor assumisse contornos muita vezes decisivos ao futuro de cada um dos grupos, sobretudo no caso americano. Na verdade, olhando-se de uma perspectiva mais abrangente, ambos os grupos procuraram aproveitar na nova terra as oportunidades abertas por economias capitalistas em expansão que solicitavam, principalmente no início, funções de integração territorial, sobretudo via expansão de mercados.

Ambos já carregavam consigo em germen, na época em que realizaram a imigração, atributos culturais derivados de suas experiências anteriores que potencialmente os habilitavam a suprir tais funções. Os judeus - tanto os de língua alemã quanto os do Leste europeu - porque acumulavam um passado que os especializou em funções comerciais(110); os sírios e libaneses porque, embora primordialmente agricultores na terra de origem, provieram de famílias que viram-se "compelidas a se engajar no comércio ou em outros ofícios para suplementar suas rendas. (...) Conseqüentemente," conforme Naff colocou, "as diferenças entre agricultores, artesãos e comerciantes tenderam a se diluir."(111) Tal herança cultural, comum aos dois grupos, será o traço específico a ser desenvolvido nas Américas, definidor da maciça inserção inicial como mascates. Tendo partido deste denominador comum, sírios e libaneses de um lado e judeus de outro assumirão posições mais ou menos salientes na nova sociedade em função em grande parte do momento em que chegaram a cada um dos países.

No fundo, a investigação do modo como sírios e libaneses de um lado, e judeus de outro, se inseriram na história recente de países como Estados Unidos e Brasil em grande parte constitui também a chave para a compreensão da inserção destes grupos em outros países receptores importantes, como a Argentina. Aí sírio-libaneses e judeus foram freqüentemente confundidos entre si porque além de inclinarem-se para atividades comerciais, os dois grupos chegaram ao mesmo tempo ao país.(112) No caso do Brasil e dos Estados Unidos, sendo o padrão de imigração judia tão contrastante em termos da época de chegada e mesmo em termos de volume, estes dois países provavelmente balizarão as duas possibilidades extremas de inserção, ao passo que a Argentina, tendo recebido judeus e sírios e libaneses aproximadamente na mesma época (a partir do final do século XIX), propiciou um tipo de inserção urbana mais competitiva e equilibrada para estes dois grupos.

8. Conclusão

A esta altura, é quase desnecessário reafirmar as conveniências associadas ao estudo de fenômenos migratórios a partir de uma perspectiva comparada. Sob a ótica de um modelo convergente (várias etnias que se destinaram a uma única sociedade receptora), aspectos herdados da terra de origem e sobretudo processos de interação inter-étnica (competição, inter-avaliação, etc.) constituem o foco privilegiado de análise. Por outro lado, conseqüências decorrentes de características estruturais presentes em diferentes sociedades de destino que normalmente não apareceriam, ou pelo menos não se explicitariam, podem, através da utilização de um modelo divergente (uma mesma etnia focalizada em países distintos), se tornar mais evidentes. Tais elementos sugerem que a combinação dos dois enfoques constitui uma ferramenta particularmente poderosa de análise de fenômenos migratórios.(113)

Em nosso caso, não há indicações de que grupos distintos migraram preferencialmente a um país ou a outro. Ao contrário, um conjunto bastante semelhante de características culturais nos leva a concluir que o mesmo tipo de imigrante, dotado do mesmo perfil, atingiu Brasil e Estados Unidos. Vale a pena notar ainda que os fluxos, em termos absolutos, São bastante comparáveis e razoavelmente simultâneos, talvez apenas levemente

desiguais ao longo da segunda metade dos anos vinte, quando o volume de imigrados aos Estados Unidos virtualmente cessou, enquanto que no Brasil este se prolongaria por mais alguns anos, até a crise dos 30.

Tal homogeneidade entre os dois contingentes iniciais deixa limpo o terreno para se avaliar o peso que fatores estruturais da sociedade de adoção exerceram sobre o grupo. Para fins analíticos, resolvi agrupar tais fatores sob três ordens, mas ao leitor logo torna-se óbvio que todas elas se apresentam intimamente relacionadas entre si e determinadas pelas conjunturas específicas da história dos dois países. Em primeiro lugar, procurei realçar a conjuntura ideologicamente mais desfavorável que sírios e libaneses, ao lado de outros grupos constituintes da "nova imigração", tiveram de enfrentar ao chegar à sociedade americana em um momento de plena crise de relações étnicas, de metamorfose da própria identidade nacional. Tannous, escrevendo em 1942 a respeito das dificuldades de integração que tiveram sírios e libaneses, não deixou de enfatizar que "provavelmente o fator mais importante tenha sido as barreiras sociais que os brancos nativos (classes média e alta) estabeleceram entre eles e os imigrantes."(114) O próprio termo em voga à época, WASP (White-Anglo-Saxon-Protestant), designativo do americano desejável, de boa cepa, denota uma definição mais estreita, uma adjetivação adicional do "ser branco" bastante exigente na sociedade americana, da qual é difícil acreditar que safram ilesos os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes, muito embora estes certamente não fossem um alvo específico.

No Brasil, muito embora sírios e libaneses tivessem que enfrentar preconceitos sobretudo relacionados à inequívoca afinidade com atividades comerciais, dificilmente tal circunstância representou barreiras à sua mobilidade econômica. Ao contrário dos Estados Unidos, provavelmente eles se viram favorecidos pelo modo mais positivo com que os imigrantes eram em geral encarados em países da América Latina.(115) Comparados aos negros ou aos trabalhadores nativos vistos como indolentes e atrasados (os caipiras em São Paulo), os imigrantes em geral eram percebidos como mais qualificados, habilidosos, dedicados e frugais, como elementos capazes de racionalmente aos poucos "embranquecer" a população; às vezes, como Solberg notou em relação aos italianos na Argentina, como "portadores de uma tradição cultural ilustre".(116)

Talvez o sintoma mais nítido das agudas diferenças na relação imigrantes - trabalhadores nacionais entre Brasil e Estados Unidos esteja precisamente no contraste de significados entre "tornar-se brasileiro" e "tornar-se americano" observável entre imigrantes nos dois países. Enquanto nos Estados Unidos "to become American" constituiu para a maioria dos grupos étnicos um desejo ardente, um esforço muitas vezes precoce e deliberado de manipulação de identidade capaz de adiantar a aceitação na nova terra, no Brasil, em decorrência mesmo de os imigrantes em geral apresentarem uma inserção econômica e social melhor que ex-escravos e trabalhadores nativos, "tornar-se brasileiro" acabou constituindo uma aspiração relativamente menos almejada para qualquer um que estivesse buscando uma posição melhor na sociedade.

É difícil se especular se o fluxo de imigrantes sírios e libaneses aos Estados Unidos poderia ter sido maior caso houvesse uma conjuntura mais favorável para a entrada de imigrantes no país a partir da década de 90. De qualquer forma, a interrupção do movimento migratório durante a Primeira Guerra Mundial e o regime de quotas adotado a partir de 1924 fixaram no mínimo para os próximos 25 anos o tamanho relativo da comunidade síria e libanesa no país. Este constitui o segundo aspecto a se ressaltar: os sírios e libaneses enquanto grupo foram muito pouco notados frente à maciça entrada de outros grupos étnicos muito mais volumosos na sociedade americana. Em nenhum momento, conforme observou Naff, "a população síria representou uma força social, política ou religiosa capaz de atrair a atenção nacional."(117) Ao contrário, seu pequeno volume e relativa dispersão determinaram que fossem pouco notados, acarretando mais um padrão de diluição do grupo no território americano frente a outras etnias, sobretudo a partir da segunda geração.

Ao mesmo tempo, nos locais em que a comunidade constituiu-se mais numerosa, ela tendeu tanto a ser segregada quanto a se auto-segregar, em relação à sociedade inclusiva. Diferentemente do Brasil, onde para as elites da colônia, a endogamia significava manutenção de prestígio social e econômico,⁽¹¹⁸⁾ nos Estados Unidos a endogamia quase sempre traduzia o encapsulamento, a segregação e o isolamento do grupo. Por fim, e de certa forma em decorrência mesmo da presença mais relevante de outras etnias, a trajetória típica trilhada pelo imigrante sírio ou libanês nos Estados Unidos tampouco foi original. Aqui em particular importa ressaltar o papel de outro grupo, os judeus, que no seu conjunto ("alemães" e "russos") já havia cumprido e explorado os dividendos de uma trajetória que se inicia com a mascateação, desenvolve-se com o comércio varejista, para culminar no atacado ou na atividade industrial em setores relacionados à indústria do vestuário. Neste sentido, a utilização, tanto no caso brasileiro quanto no caso americano, de um grupo de controle com características de inserção semelhante, como tiveram os judeus, realça a importância do momento certo da chegada ao país receptor.

Desta forma, apesar de sírios e libaneses terem chegado aos dois países aproximadamente na mesma época, podemos afirmar que o papel saliente que tiveram no Brasil, especificamente em São Paulo, em grande medida se deveu ao pioneirismo de suas atividades comerciais, de sua inserção nitidamente urbana e desconcentrada ao longo de inúmeras cidades do interior. Tal circunstância, aliada a uma presença relativamente maior entre outros grupos étnicos, acarretou que em São Paulo a colônia foi capaz de se diferenciar, de se tornar mais complexa, de em última análise gerar estratos que, ao longo de apenas duas gerações fincaram raízes do primeiro ao último degrau da sociedade paulista.

notas

1 Até o início da Primeira Guerra Mundial, a região conhecida como Grande Síria, ou simplesmente Síria, pertencia ao Império Otomano e incluía o Líbano entre suas fronteiras. Depois da derrota turca, a França assumiu o controle político da região e estabeleceu o regime de protetorado, que concedia certa autonomia ao Líbano. Tanto a Síria (capital Damasco) quanto o Líbano (capital Beirute) definitivamente lograram sua independência em 1946 e 1943 respectivamente.

2 A literatura sobre este assunto também arrola fatores políticos e religiosos como causas secundárias da emigração. Para uma boa discussão, consultar Samir Khalaf, *The Background and Causes of Lebanese / Syrian Immigration*, in Eric Hooglund, *Crossing the Waters - Arabic-Speaking Immigrants to the United States before 1940* (Washington, D.C. and London: Smithsonian Institution Press, 1987).

3 Para um apanhado histórico conciso da Síria e do Líbano, consultar *Cambridge Encyclopedia of the Middle East and North Africa*, ed. Trevor Mostyn (Cambridge Un. Press, 1988); para uma história detalhada, consultar Philip Hitti, *History of Syria, including Lebanon and Palestine* (London: Macmillan, 1951) e *Lebanon in History* (London: Macmillan, 1967). Um guia bibliográfico útil que inclui sírios e libaneses nos Estados Unidos foi coligido por Mohammed Sawaie, *Arabic-Speaking Immigrants* (Lexington: Mazda, 1985). Um livro recente com muitos artigos sobre libaneses se adaptando em muitos países é *The Lebanese in The World: a Century of Emigration*, editado por Albert Hourani e Nadim Shehadi (London, Centre for Lebanese Studies e I. B. Tauris, 1992). Para os sírios e libaneses no Brasil, consultar Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial* (São Paulo: Anhembi, 1960) e meus próprios trabalhos *De Mascates a Doutores: Sírios e Libaneses em São Paulo* (São Paulo: Sumaré, 1992) e *Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo* (São Paulo: Hucitec, 1997).

4 Ver Alixa Naff, *Becoming American: the Early Arab-American Experience* (Carbondale, Southern Illinois University Press, 1985).

5 A partir da penúltima década do século passado, com a escravidão abolida e a entrada crescente de imigrantes europeus, a economia cafeeira do estado de São Paulo cresceu mais rapidamente que qualquer outra no país. Houve também investimentos industriais, o que levou São Paulo a se tornar o centro da

economia nacional, posição ocupada até hoje. Como São paulo recebeu a maioria dos imigrantes, incluindo a maioria de sírios e libaneses (52% do total do país entre 1908 e 1939, quando as estatísticas tornaram-se melhores, de acordo com Knowlton (p.44)), São Paulo representa a região mais relevante no Brasil para nossos propósitos comparativos.

6 O argumento se aplica aos casos do Brasil e dos Estados Unidos. No caso do Egito e de outros países africanos que também receberam imigrantes sírios e libaneses, os muçulmanos foram numericamente mais significativos porque estes preferiam países nos quais acreditavam que pudessem professar livremente sua religião.

7 Clark Knowlton, Sírios e Libaneses..., p.34.

8 apud Clark Knowlton, *The Social and Spatial Mobility of the Syrian and Lebanese Community in São Paulo, Brazil*, in Hourani, A. and Shehadi, N., *The Lebanese in the World...*, p.289.

9 Fifty-fifth Annual Report of the Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States, New York: Mission House, 1892; apud Clark Knowlton, Sírios e Libaneses..., p.30.

10 Michael Naimy, *A New Year...*, p.1.

11 Samir Khalaf, *The Background and Causes...*, p.31.

12 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p.90.

13 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p.91.

14 Sadalla Amin Ghanem, *Impressões de viagem...*, p.27.

16 Michael Suleiman, *Early Arab-Americans - The Search for Identity*, in Eric Hoogund, *Crossing the Waters...*, p. 39.

17 Clark Knowlton, Sírios e Libaneses..., pp.34-5.

18 Philip M. Kayal, "Religion and Assimilation: Catholic "Syrians" in America". *International Migration Review*, vol.7 (4) (Winter 1973), p. 409; Deborah Miller, "Middle Easterners...", p. 513.

19 Afif I. Tannous, "Emigration, a Force of Social Change...", p. 266.

20 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.13.

21 Deborah Miller, "Middle Easterners...", p. 514.

22 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.273.

23 Afif I. Tannous, "Emigration, a Force of Social Change...", p. 266.

24 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.128.

25 Philip Hitti, *The Syrians in America* (New York: Doran, 1924), p. 34.

26 Philip M. Kayal, "Religion and Assimilation...", p.411.

27 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.7.

28 Deborah Miller, "Middle Easterners...", p.517.

29 Ver também Ralph Patai, *The Arab Mind* (New York: Scribner, 1983), p. 45.

30 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.228.

31 Claude Hajjar, *Imigração Árabe: 100 anos de reflexão* (São Paulo: Ícone, 1985), p. 109.

32 Wadih Safdy, *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida* (Belo Horizonte: Santa Maria, 1966), p. 221.

33 Italianos, portugueses e espanhóis o fizeram em taxas de 20,2%, 29,5% e 35,0% respectivamente. Alfredo Ellis Jr., *Populações paulistas* (São Paulo: Nacional, 1934), p. 204. Para padrões de casamentos entre ricos, ver Oswaldo Truzzi, *De mascates...*, p. 32-7.

34 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.177.

35 Deborah Miller, *Middle Easterners*, p. 515.

36 Beverlee Turner Mehdi, *The Arabs...*, p.11.

37 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.308.

38 Beverlee T. Mehdi, *The Arabs...*, p. 17.

39 Slimane Zeghidour, *A Poesia árabe moderna e o Brasil* (São Paulo: Brasiliense, 1982), p.56.

40 apud Jeffrey Lesser, *From Peddlers to Proprietors: Lebanese, Syrian and Jewish Immigrants in Brazil*; in Hourani, A. e Sheadi, N., *The Lebanese in the World...*, p. 406-7.

- 41 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.139 e seguintes.
- 42 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.12.
- 43 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.200.
- 44 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.271.
- 45 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.272. Em 1975 havia apenas em Detroit 66 mercearias pertencentes a famílias sírias (p.273).
- 46 Eric J. Hooglund, *From the Near East to Down East - Ethnic Arabs in Waterville, Maine*, in Eric J. Hooglund (ed.), *Crossing the Waters...*, p. 87.
- 47 Sarah E. John, *Arabic-Speaking Immigration to the El Paso Area, 1900-1935*, in Eric Hooglund, *Crossing the Waters...*, p.105.
- 48 Esta mesma característica diferenciou sírios e libaneses de outras etnias comerciais em São Paulo. Consultar Oswaldo Truzzi, *Patrícios...*, p. 45 (nota do autor).
- 49 Nancy Faires Conklin and Nora Faires, *Colored and Catholic - the Lebanese in Birmingham, Alabama*, in Eric J. Hooglund, *Crossing the Waters...*, p.73.
- 50 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, p. 144.
- 51 Stanley Stein, *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil*. Rio de Janeiro, Campus, 1979.
- 52 Brasil - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Censo Econômico de 1940*. São Paulo, p.238.
- 53 Escrevendo ao final dos anos 50, Hitti observou por exemplo que a família libanesa mais rica hoje mora em São Paulo (*Lebanon in History*, p. 475). Ver Oswaldo Truzzi, *De mascates...*, p.63.
- 54 Oswaldo Truzzi, *De mascates...*
- 55 Consultar para maiores detalhes Oswaldo Truzzi, *Patrícios: Sírios e Libaneses...*, cap. 6.
- 56 Elie Safa, *L'émigration Libanaise*. Beirut: Université Saint-Joseph, 1960, p.16.
- 57 Najib Saliba (*Emigration from Syria*, *Arab Studies Quarterly*, vol.3,1) estimou em 50000 o número de imigrantes que se instalaram nos Estados Unidos antes de 1899; Khalaf (*The Background and Causes of Lebanese/Syrian Immigration to the United States before World War I*, in Hooglund, Eric J., *Crossing the Waters - Arabic-Speaking Immigrants to the United States before 1940*. Washington, D.C., London: Smithsonian Institution Press, 1987) calcula que este número esteja próximo de 20000, enquanto Hitti sugere (provavelmente com exagero) que mais de 40000 haviam entrado até esta data (*The Syrians in America*, p. 62).
- 58 Juan A. Alsina, *La inmigración en el primer siglo de la independencia*. Buenos Aires: Felipe S. Alsina(ed.), 1910.
- 59 Com apenas 150 imigrantes de origem árabe entrando no Canadá entre 1891 e 1901, a população árabe nesta última data somava menos de 2000 indivíduos. Depois de atingir 7000 indivíduos em 1911, a imigração árabe virtualmente cessou após a adoção de leis restricionistas contra imigrantes asiáticos, que foram interpretadas como aplicáveis aos sírios e libaneses. Consultar Baha Abu-Laban, *An Olive Branch on the Family Tree: the Arabs in Canada* (Toronto: Canadian Publ., 1980), pp. 54-5.
- 60 Este é um ponto sujeito a controvérsias, o que reforça a comparabilidade dos tamanhos absolutos das colônias nos dois países. Hitti, por exemplo, afirmou dos libaneses que seu número estimado, com descendentes, nos Estados Unidos, era de um quarto de milhão; no Brasil - o maior centro - um terço de milhão (*Lebanon in History*, p.475). Ver também Elie Safa, *L'émigration Libanaise* (Beirut: Université Saint-Joseph, 1960).
- 61 Philip K. Hitti, *The Syrians in America...*, p.65.
- 62 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.4.
- 63 Price, Charles. "Methods of estimating the size of groups". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*. Appendix I, 1980, p.1036.
- 64 denominação utilizada pelo censo.
- 65 vide Roger Daniels, *Coming to America*. New York: Harper Collins, 1990, p.24.

- 66 Juan A. Alsina, *La inmigración en el primer siglo...*, p.81. Neste ano específico, as principais nacionalidades constituintes do fluxo imigratório ao país foram: italianos-93528, espanhóis-86798, russos (provavelmente judeus)-16475 e sírios-11765 (p.83).
- 67 Martin N. Marger, *Race and Ethnic Relations - American and Global Perspectives*. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1994, 3rd. ed., pp. 430-1.
- 68 Martin N. Marger, *Race and Ethnic Relations...*, p.458.
- 69 Como até o final da Primeira Guerra Mundial sírios e libaneses chegaram ao Brasil com passaportes turcos, foram confundidos com seus opressores, o que lhes causou imenso dissabor. Apesar de virtualmente todos os livros escritos por intelectuais da colônia queixarem-se do mal-entendido envolvendo esta denominação, ela permaneceu designando o grupo até os dias de hoje.
- 70 Um bom exemplo é Alfredo Ellis Jr., fazendeiro, professor, político e autor de muitos livros sobre imigração: negociante congênito e por hereditariedade, ele ainda o era por educação. Desde os tempos de seus antepassados de Sidon e Tiro, ele é capaz de mercadejar a própria vida, jurando não ganhar nada. (Alfredo Ellis Jr., *Populações paulistas* (São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934), pp. 197-8).
- 71 Afinal de contas, os fazendeiros e o governo haviam promovido a imigração com o objetivo de substituir a mão de obra escrava nas plantações de café. Ver também Jeffrey Lesser, *From Peddlers to Proprietors...*; in Hourani, A. e Shehadi, N., *The Lebanese in the World...*, p. 405.
- 72 liberal embora assimilacionista, ao prever a conformação de todos os imigrantes a um tipo pré-determinado.
- 73 William S. Bernard, "Immigration: History of U.S. Policy". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, 1980, p.491. Note-se a semelhança com o discurso de Ellis Jr.
- 74 Consultar Philip Gleason, "American Identity and Americanization". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, 1980, p.41-2 e William S. Bernard, "Immigration: History of..." , p.493.
- 75 Philip Higham, *Strangers in the Land...*, p.7.
- 76 fraca integração e forte autonomia entre as comunidades étnicas predominantes em diferentes regiões.
- 77 Philip Higham, *Strangers in the Land...*, p.12.
- 78 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.247.
- 79 Edward A. Ross, *The Old World in the New: the Significance of Past and Present Immigration to the American People*. New York: The Century, 1914, p.192-4.
- 80 Citado em John Higham, *Strangers in the Land...*, apud Nancy F. Conklin e Nora Faires, *Colored and Catholic - ...*, p.75.
- 81 Raouf J. Halaby, Dr. Shadid and the Debate over Identity, in Eric J. Hooglund, *Crossing the Waters...*, p. 63.
- 82 Eric J. Hooglund, *From the Near East...*, p.100.
- 83 Nancy F. Conklin e Nora Faires, *Colored and Catholic - ...*, p. 69, 70, 77 e 79.
- 84 Philip Hitti, *Syrians in America...*, p. 89.
- 85 Conforme citado em Raouf J. Halaby, Dr. Shadid..., pp. 58-9.
- 86 Mais tarde, após uma viagem à Síria, ele mudaria de idéia sobre esta questão. Consultar Raouf J. Halaby, Dr. Shadid....
- 87 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.256.
- 88 Beverlee Turner Mehdi, *The Arabs in America...*, p.11.
- 89 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.259.
- 90 o que não significa que parcelas específicas destas etnias não tenham se dirigido ora diretamente ora posteriormente ao meio urbano.
- 91 Arthur A. Goren, "Jews". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, 1980, p.571.
- 92 Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation: the German Jews in the United States - 1830-1914*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1984, p.19. Consultar também Morris U. Schappes, *The Jews in the United States*. New York: The Citadel Press, 1958, p.68 e Arthur A. Goren, "Jews" ..., p.577.

- 93 Morris U. Schappes, *The Jews in the United States...*, p. 68.
- 94 Vide Arthur A. Goren, "Jews"..., p.579 e Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, p.24.
- 95 Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, p.27.
- 96 vide Bernard B. Weinryb, "Jewish Immigration and accommodation to America". In: *The Jews: Social Patterns and American Group*. Sklare, Marshall (ed.). New York: FreePress, 1958, p.74.
- 97 ao final da Guerra Civil, os Seligman (8 irmãos) reorientaram seus negócios de comércio e indústria de roupas e tecidos para atividades bancárias internacionais estabelecendo filiais em Londres, Paris, Frankfurt, San Francisco e New Orleans, cada casa comandada por um irmão (Arthur A. Goren, "Jews"..., p.579).
- 98 Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, p.29.
- 99 Charles Bezalel Sherman, *The Jew within American Society: a Study in Ethnic Individuality*. Detroit: Wayne State University Press, 1961, p.86.
100. vide Charles Bezalel Sherman, *The Jew within American Society...*, p.88 e Rufus Lears, *The Jews in America...*, p.152.
- 101 Marshall Sklare, *America's Jews...*, p.61. Vide também E. J. James, *The immigrant Jew in America*. National Liberal Immigration League, para ocupações de judeus russos em Nova York, Chicago e Philadelphia.
- 102 Arthur A. Goren, "Jews"..., p.582.
- 103 Consultar Rufus Lears, *The Jews in America...*, p.164; Marshall Sklare, *America's Jews...*, p.63; Arthur A. Goren, "Jews"..., p.588-9 e Charles Bezalel Sherman, *The Jew within American Society...*, pp.110-1.
- 104 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.130.
- 105 algumas máquinas de costura e o trabalho familiar constituíam o capital inicial básico para a abertura de uma firma, conferindo ao setor alta rotatividade (altas taxas de nascimento e de mortalidade de firmas). Muitas novas firmas eram assim formadas, muitas vezes subcontratadas como fornecedoras de firmas maiores.
- 106 Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, p.20.
- 107 em outras áreas do sul do país a imigração alemã foi anterior, mas as condições para um mercado capitalista integrado estavam menos desenvolvidas que em São Paulo.
- 108 Jeff H. Lesser, *From Peddler to Proprietor: Lebanese, Syrian, and Jewish Immigrants in Brazil*, (mimeo), 1989, p.5.
- 109 Jeff H. Lesser, *From Peddler to Proprietor...*, p.11.
- 110 Arthur A. Goren, "Jews"..., p.576 e Rufus Lears, *The Jews in America...*, p.153.
- 111 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.53.
- 112 Vide como exemplo Paul Walle, *L'Argentine Tel Qu'Elle Est*. Paris: E. Guilmoto, Éd., 1913, p.85; Pierre Berne, *L'Immigration Européenne en Argentine*. Paris: Jouve & Cie. Éd. Faculté de Droit de L'Université de Paris, 1915. (thèse pour le doctorat), pp.138-42 e Carl Solberg, *The Prairies and the Pampas: Agrarian Policy in Canada and Argentina, 1880-1930*. Stanford: Stanford University Press, 1987, p.78.
- 113 Nancy Green, *L'Histoire Comparative et le Champ des Études Migratoires*. *Annales ESC* ((6),1990), p.1335, e Samuel Baily, *Cross-Cultural Comparison and the Writing of Migration History*, in *Immigration Reconsidered*, ed. Virginia Yans-McLaughlin (New York: Oxford University Press), p. 243.
- 114 Afif I. Tannous, "Acculturation of an Arab-Syrian Community...", p.271.
- 115 vide Carl Solberg, "Mass migrations in Argentina". In: *Human Migration: Patterns and Policies*. McNeill, W. and Adams, R. (eds.) Bloomington: Indiana University Press, 1978, p.148 e Mark D. Szuchman, *Mobility and Integration in Urban Argentina: Córdoba in the Liberal Era*. Austin: University of Texas Press, 1980, pp.35-6 para um padrão similar na Argentina, respectivamente concernente a descendentes de mestizos e creolos nativos.
- 116 Carl Solberg, *The Prairies and the Pampas...*, p.78.
- 117 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.248.
- 118 Consultar Oswaldo Truzzi, *Patrícios...*, p. 90.

A versão em inglês deste ensaio foi publicada no *Journal of American Ethnic History*,
vol.16(2), winter 1997, pp.3-34.

Oswaldo M. S. Truzzi
(UFSCar / IDESP)

XXI Encontro Anual da ANPOCS